



**II CONEDU**  
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

## **CONTRIBUIÇÕES DE MIKHAIL BAKHTIN PARA A CONCEPÇÃO DE LINGUAGEM E PARA O ENSINO DE LÍNGUAS NO BRASIL**

José Ronaldo Ribeiro da Silva

*Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE)*

*Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)*

*ronaldrsjr@hotmail.com/ronaldoribeiro@ifce.edu.br*

Maria Efigênia Alves Moreira

*Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE)*

*efigeniaalvessim@hotmail.com*

Cícera Alves Agostinho de Sá

*Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)*

*jucysa@bol.com.br*

**RESUMO:** O presente trabalho tem por objetivo destacar as contribuições teóricas e práticas do pensamento do filósofo da linguagem Mikhail Bakhtin para a educação brasileira, notadamente no que se refere à concepção de linguagem e as consequências pedagógicas provocadas por sua epistemologia. Destacam-se sobremaneira os conceitos de linguagem enquanto processo social e dialógico, de gêneros discursivos, de intertextualidade, de polifonia e de processos de transmissão da palavra do outro – discursos citados direto, indireto, indireto livre e suas variantes – dentre outros, resgatados no âmbito desta pesquisa documental e comparativa através de análise de excertos dos Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental e Médio e de citações extraídas de obras do referido autor. Constatou-se, por meio de uma análise discursiva, que muitas questões levantadas pelo filósofo e por seu grupo de pensadores, conhecidos por Círculo de Bakhtin, constituem os discursos educacionais expressos nos referidos documentos e influenciam diretamente em questões didático-pedagógicas específicas do ensino da Língua Portuguesa.

**PALAVRAS-CHAVE:** Mikhail Bakhtin, Educação brasileira, Ensino de língua portuguesa, Abordagem dialógica da linguagem.



**II CONEDU**  
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

## INTRODUÇÃO

A palavra está sempre orientada para um interlocutor, com o qual estabelece relações direcionadas para a retomada, ainda que, como nos afirma Bakhtin (2011), essa retomada ou diálogo seja não intencional. Ainda assim há diálogo, pois o que caracteriza essa interação não é o compartilhamento simultâneo de espaço e tempo, mas as relações de sentido estabelecidas, mesmo que sejam relações relativamente débeis, com pontos de interseção mais temáticos do que explicitamente morfossintáticos.

Nessa análise, buscamos analisar alguns pontos de intersecção entre dois discursos: o discurso político-didático-educacional dos PCNs de língua portuguesa de nível fundamental e médio e o discurso bakhtiniano acerca da compreensão sobre a natureza da linguagem. Por meio dessa análise, buscamos evidenciar a constituição discursiva dos PCNs a partir da corroboração de pontos de vista do mestre russo.

O trabalho visa ainda resgatar a influência e a contribuição de Bakhtin na educação brasileira, mais precisamente em questões epistemológicas e práticas de planejamento para a aula de línguas. Segundo essa abordagem, a linguagem deve ser compreendida enquanto fenômeno compartilhado, dialógico, social. Busca ainda demonstrar a referência a várias categorias bakhtinianas dentro do discurso dos PCNs.

## METODOLOGIA

Para a execução desta pesquisa, extraímos excertos textuais de três documentos oficiais do MEC, os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental I e II e para o Ensino Médio. Desta forma, trabalhamos com um *corpus* constituído por três documentos legais, que, no escopo desta pesquisa, representam a esfera do discurso educacional.

Simultaneamente, trabalhamos com citações extraídas da vasta obra do filósofo da linguagem, Mikhail Bakhtin, consideradas como fontes do dizer, e, portanto, discurso



constituente do próprio discurso educacional presente nos referidos documentos legais. Os discursos foram postos em comparação a fim de se demonstrar o diálogo entre eles.

Utilizamos, no âmbito deste trabalho, uma busca pelas relações dialógicas entre estes discursos para evidenciação de sua inter-relação. Portanto, a análise se baseia na própria abordagem dialógica da linguagem, cerne do pensamento de Bakhtin (2010, 2011, 2014) e do Círculo. Em geral, a pesquisa pode ser descrita como qualitativa e documental, com aspectos comparativos e embasada na análise de discurso de cunho bakhtiniano, pois busca evidenciar as relações dialógicas entre dois discursos que abordam em intersecções específicas uma temática em comum.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

As diferentes concepções de linguagem e sua relação com as práticas escolares presentes nos Parâmetros Curriculares Nacionais são discursos que são notoriamente constituídos pela concepção dialógica da linguagem de Mikhail Bakhtin e o grupo de filósofos do conhecido Círculo (Medvedev, Voloshinov etc). O conjunto de categorias analíticas levantadas pelo grupo intelectual constituído por Bakhtin e pelos Membros do Círculo são reconhecidamente interdependentes, pois em maior ou menor escala elas estão associadas com a tese que representa a espinha dorsal de toda a epistemologia bakhtiniana, que é a concepção de linguagem enquanto fenômeno social, dialógico e interativo. A característica linguística que fundamenta tal visão é a responsividade entre os diferentes textos que circulam em nosso mundo cultural, que materializam as relações dialógicas entre os temas. O mestre russo assim se refere a essa questão:

As relações dialógicas são relações (semânticas) entre toda espécie de enunciados na comunicação discursiva. Dois enunciados, quaisquer que sejam, se confrontados em um plano de sentido (não como objetos e não como exemplos linguísticos), acabam em relação dialógica. (BAKHTIN, 2011, p. 323)



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Segundo a concepção do autor, a evidenciação da existência de relações dialógicas entre dois enunciados, quaisquer que sejam eles, se dá pela confrontação semântica entre eles, ou seja, apenas a mente humana, detentora de mecanismos cognitivos avançados poderá explicitar onde, como e em qual nível tais relações se materializam.

Essa concepção de linguagem como fenômeno compartilhado, interativo, dialógico, portanto, perpassa todas as categorias de análise bakhtinianas, didaticamente separáveis, tais como a questão dos gêneros do discurso, da intertextualidade e interdiscursividade, os estudos sociológicos dos fenômenos literários, o problema do autor e da autoria, da transmissão da palavra alheia etc. Buscamos demonstrar a constituição discursiva das concepções de linguagem expressas nos Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental (1º, 2º, 3º e 4º ciclos) e para o Ensino Médio. Em outras palavras, o trabalho se detém a analisar os discursos de definição do que se compreende como linguagem, presentes nos referidos documentos e quais são as possíveis consequências didáticas que essa visão demanda ao trabalho docente na sala de aula de língua portuguesa.

A primeira definição, que consta no PCN para o Ensino Fundamental I, assim se refere à concepção de linguagem:

A linguagem é uma **forma de ação interindividual** orientada por uma finalidade específica; um **processo de interlocução** que se realiza nas práticas sociais existentes nos diferentes grupos de uma sociedade, nos distintos momentos da sua história. Dessa forma, se produz linguagem tanto numa conversa de bar, entre amigos, quanto ao escrever uma lista de compras, ou ao redigir uma carta — **diferentes práticas sociais** das quais se pode participar. Por outro lado, a conversa de bar na época atual diferencia-se da que ocorria há um século, por exemplo, tanto em relação ao **assunto** quanto à **forma de dizer**, propriamente — características específicas do momento histórico. Além disso, uma conversa de bar entre economistas pode diferenciar-se daquela que ocorre entre professores ou operários de uma construção, tanto em função do registro e do conhecimento lingüístico quanto em relação ao assunto em pauta.

Dessa perspectiva, **a língua é um sistema de signos histórico e social** que possibilita ao homem significar o mundo e a realidade. Assim, **aprendê-la é aprender não só as palavras, mas também os seus significados culturais e, com eles, os modos pelos quais as pessoas do seu meio social entendem e interpretam a realidade e a si mesmas.**

A linguagem verbal possibilita ao homem representar a realidade física e social e, desde o momento em que é aprendida, **conserva um vínculo muito estreito com o pensamento.** Possibilita não só a representação e a regulação do pensamento e da ação, próprios e alheios, mas, também, comunicar idéias, pensamentos e intenções



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

de diversas naturezas e, desse modo, **influenciar o outro e estabelecer relações interpessoais anteriormente inexistentes.** (BRASIL, 1997, p. 22, grifos nossos).

Os termos destacados no excerto acima atestam a grande influência do pensamento de Mikhail Bakhtin sobre a construção da proposta representada no referido PCN. As expressões “forma de ação interindividual”, “processo de interlocução” e “práticas sociais” condizem com a defesa bakhtiniana de que a linguagem não é um ato individual, antes é social e, por isso, interativo, não apenas entre os diferentes atores sociais, como também entre os textos e os discursos que circulam por nossa cultura.

Ao referir-se ao “assunto” e à “forma de dizer” podemos contemplar mais duas categorias reconhecidamente bakhtinianas que são a noção de campo ou esfera discursiva e gêneros do discurso. Enquanto esta última categoria se refere a expressões e rotinas languageiras semiestabilizadas pelos usos que os falantes fazem do sistema (BAKHTIN, 2014), a primeira diz respeito à temática geral ao qual o dizer se filia (discurso educacional, político, religioso etc).

Ao afirmar que a linguagem “conserva um vínculo muito estreito com o pensamento”, os autores desse PCN corroboram a defesa bakhtiniana de que, mesmo sendo um fenômeno expressamente social e dialógico, a linguagem está em constante diálogo consigo mesma, no interior da mente do falante. Ao contrário do que se possa ingenuamente imaginar, isso não atesta a supremacia da individualidade do falante, muito menos da imanência e autossuficiência do sistema linguístico, aos moldes saussurianos; o fato de o falante utilizar a linguagem dentro de si pra si mesmo indica o quanto ela é dialógica. Até sozinhos dialogamos. O mestre russo se expressa nestes termos:

O pensamento que só existe no contexto de minha consciência e não é reforçado no contexto da ciência, como sistema ideológico coerente, é apenas um pensamento obscuro e inacabado. Mas, no contexto da minha consciência, esse pensamento pouco a pouco toma forma, apoiando-se no sistema ideológico, pois ele próprio foi engendrado pelos signos ideológicos que assimilei anteriormente. Uma vez mais, não há aqui diferença qualitativa. Os processos cognitivos provenientes de livros e do discurso dos outros e os que se desenvolvem em minha mente pertencem à mesma esfera da realidade, e as diferenças que existem, apesar de tudo, entre a



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

mente e os livros não dizem respeito ao conteúdo do processo cognitivo. (BAKHTIN, 2014, p. 59)

De acordo com essas palavras de Bakhtin, pode-se constatar que a relação entre a linguagem e os processos cognitivos envolvidos em seu uso pelo homem é intrincada. Com isso, o mestre russo assume a ideia de que o indivíduo exerce um papel ativo em seu diálogo com os signos sociais que, em certo grau ensejam novas estruturas ideológicas em seu nascedouro, a mente humana, para se materializarem no exterior, no discurso do lado de fora, social e dialógico.

Já o PCN para o Ensino Fundamental II nos apresenta, de forma geral, a seguinte concepção de linguagem:

O domínio da linguagem, como **atividade discursiva e cognitiva**, e o domínio da língua, como **sistema simbólico utilizado por uma comunidade lingüística**, são condições de possibilidade de plena participação social. Pela linguagem os homens e as mulheres se comunicam, têm acesso à informação, **expressam e defendem pontos de vista, partilham ou constroem visões de mundo**, produzem cultura. [...] Linguagem aqui se entende, no fundamental, como **ação interindividual orientada por uma finalidade específica**, um **processo de interlocução** que se realiza nas **práticas sociais** existentes nos diferentes grupos de uma sociedade, nos distintos momentos de sua história. **Os homens e as mulheres interagem pela linguagem tanto numa conversa informal, entre amigos, ou na redação de uma carta pessoal, quanto na produção de uma crônica, uma novela, um poema, um relatório profissional.** (BRASIL, 1998, pp. 19, 20, grifos nossos)

Pode-se observar a reafirmação do caráter discursivo e cognitivo da linguagem, defendido por Bakhtin. Ao afirmar que os indivíduos “expressam e defendem pontos de vista, partilham ou constroem visões de mundo” pelo intermédio da linguagem, esse PCN compartilha a noção das categorias bakhtinianas de *ideologia* e de *posicionamento axiológico*, categorias que envolvem as crenças ou as interpretações de mundo individuais ou grupais dos indivíduos. O indivíduo pode se filiar a diferentes sistemas ideológicos, com diferentes nuances, marcando linguisticamente, por meio do discurso, sua visão sobre a realidade. Ao declarar que “Os homens e as mulheres interagem pela linguagem tanto numa conversa informal, entre amigos, ou na redação de uma carta pessoal, quanto na produção de uma crônica, uma novela, um poema, um relatório profissional”, os autores do PCN expressam



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

nitidamente as noções de linguagem enquanto ferramenta de uso social, e, principalmente, de gêneros discursivos, ou seja, as formas mais ou menos especializadas de expressar algo, pois esta categoria foi definida pelo próprio Bakhtin (2011, p. 262) como “tipos relativamente estáveis de enunciados”.

Por fim, a concepção de linguagem expressa pelo PCN de Língua Portuguesa para o Ensino Médio se expressa da seguinte forma:

**A linguagem é considerada aqui como a capacidade humana de articular significados coletivos e compartilhá-los, em sistemas arbitrários de representação, que variam de acordo com as necessidades e experiências da vida em sociedade.** A principal razão de qualquer ato de linguagem é a **produção de sentido**.

A linguagem é uma **herança social**, uma “realidade primeira”, que, uma vez assimilada, envolve os indivíduos e faz com que as **estruturas mentais, emocionais e perceptivas** sejam reguladas pelo seu simbolismo.

A compreensão da **arbitrariedade da linguagem** pode permitir aos alunos a **problematização dos modos de “ver a si mesmos e ao mundo”**, das categorias de pensamento, das classificações que são assimiladas como dados indiscutíveis.

A linguagem permeia o conhecimento e as formas de conhecer, o pensamento e as formas de pensar, a comunicação e os modos de comunicar, a ação e os modos de agir. Ela é a roda inventada, que movimentada o homem e é movimentada pelo homem. Produto e produção cultural, **nascida por força das práticas sociais**, a linguagem é humana e, tal como o homem, **destaca-se pelo seu caráter criativo, contraditório, pluridimensional, múltiplo e singular**, a um só tempo.

Não há linguagem no vazio, **seu grande objetivo é a interação**, a comunicação com um outro, dentro de um espaço social, como, por exemplo, a língua, produto humano e social que organiza e ordena de forma articulada os dados das experiências comuns aos membros de uma determinada comunidade linguística. (BRASIL, 2000, p. 05, grifos nossos)

Sobre a questão da arbitrariedade da língua, que é o eixo temático principal da discussão do excerto acima, Bakhtin (2014, p. 97) tece as seguintes considerações:

Enquanto uma forma linguística for apenas um sinal e for percebida pelo receptor somente como tal, ela não terá para ele nenhum valor linguístico. A pura “sinalidade” não existe, nem mesmo nas primeiras fases da aquisição da linguagem. Até mesmo ali, a forma é orientada pelo contexto, já constitui um signo, embora o componente de “sinalidade” e de identificação que lhe é correlata seja real. Assim, o elemento que torna a forma linguística um signo não é sua identidade como sinal, mas sua mobilidade específica; da mesma forma que aquilo que constitui a decodificação da forma linguística não é o reconhecimento do sinal, mas a compreensão da palavra no seu sentido particular, isto é, a apreensão da orientação que é conferida à palavra por um contexto e uma situação precisos, uma orientação no sentido da evolução e não do imobilismo.



# II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

O autor defende que o sistema linguístico não pode ser compreendido em sua imobilidade semântica, segundo a visão estruturalista saussuriana. É o contexto que poderá lançar luz sobre a vida do signo, ou seja, ele, por si só, imanentemente, não possui vida autônoma. Já ao afirmar que a linguagem humana, além de ser “nascida por força das práticas sociais”, “destaca-se pelo seu caráter criativo, contraditório, pluridimensional, múltiplo e singular”, o PCN em questão corrobora mais uma vez a tese bakhtiniana de linguagem enquanto fenômeno social, interativo e polifônica. Esta categoria – polifonia – caracteriza a linguagem como heterogênea, como dividida, atestando que o dizer não é completamente autoral, mas traz para a cena enunciativa os diferentes sujeitos para exercitarem diálogos. É assim que se convocam vozes para fins argumentativos por meio de formas de transmissão das palavras de outrem como ocorre por meio de discursos citados direto, indireto, indireto livre e suas variantes.

## CONCLUSÃO

Os textos, e, portanto, os discursos, independentemente se são contemporâneos ou não se tocam ao estabelecerem entre si relações dialógicas. Essas relações, marcadas linguisticamente ao longo dos textos, podem ser explicitadas, segundo Bakhtin (2010) pela confrontação dos sentidos.

O analista de discursos pode demonstrar a existência dessas relações através do desenvolvimento de um aparato analítico capaz de flagrar semanticamente os pontos de intersecção discursiva entre os dizeres. No âmbito dessa análise buscamos evidenciar algumas relações dialógicas entre os textos dos PCNs de língua portuguesa do ensino fundamental e do ensino médio e do discurso bakhtiniano sobre as concepções de linguagem enquanto fenômeno social, dialógico e interativo, mesmo em contextos em que o discurso dialoga consigo mesmo, ou seja, ocorre o “discurso interior”





# II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

A análise demonstrou que as relações dialógicas existentes entre tais discursos explicitam a filiação dos autores dos PCNs aos pressupostos bakhtinianos em sua abordagem dialógica da linguagem. Além disso, explicitamos referências a categorias tipicamente bakhtinianas como gêneros do discurso, polifonia, ideologia, posicionamento axiológico, interacionismo, cognitivismo social, intertextualidade, interdiscursividade etc.



**II CONEDU**  
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2014.

\_\_\_\_\_. **Estética da criação verbal**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.p. 262-296.

\_\_\_\_\_. **Problemas da poética de Dostoiévski**. 3. Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

BRASIL, M. da E. Parâmetros curriculares nacionais - Língua portuguesa: Ensino de primeira à quarta série. **Brasília: MEC/SEF**, 1997.

\_\_\_\_\_. Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental - Língua Portuguesa. **Brasília: MEC/SEF**, 1998.

\_\_\_\_\_. **Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio** – Parte II: Linguagens, Códigos e suas Tecnologias. Brasília: MEC, 2000.

\_\_\_\_\_. **Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio: Parte I: Bases Legais**. Brasília: MEC, 2000.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Â., MACHADO, A., BEZERRA, M., (Orgs.). **Gêneros textuais e ensino**. 5. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

MARCUSCHI, L.A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MILLER, C. R. 1984/1994. **Genre as social action**. In: A. FREEDMAN & P.

MEDWAY (eds.), pp.23-42. (Originalmente publicado em: Quarterly Journal of Speech. 70 (1984):151-167.)

ROJO, Roxane Helena Rodrigues. **A prática de linguagem em sala de aula: praticando os PCNs**. EDUC-Editora da PUC-SP, 2001.

SCHNEUWELY, B.; DOLZ, J. **Os gêneros escolares: das práticas de linguagem aos objetivos escolares**. Tradução de Roxane Rojo. São Paulo: LAEL/PUC, 1999.



**II CONEDU**  
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

\_\_\_\_\_. **Gêneros orais e escritos na escola.** Campinas, São Paulo: Mercado das Letras, 2004.